

EDITORIAL

*A diferença entre a palavra certa e a quase certa
é a diferença entre um raio e um vaga-lume.*

Mark Twain, 1835-1910

Geralmente são necessárias muitas revisões antes de um texto ficar pronto, seja ele literário ou científico. Em uma poesia, a diferença entre amar e gostar é fundamental, ainda mais se for na língua francesa, na qual “aimer” e “aimer bien” é dramática, sendo que “aimer” é muito mais comprometedora que “aimer bien”, embora possa parecer o contrário.

A compreensão de um texto científico também requer uma precisão crucial e, por isso, é essencial a leitura de um texto por várias pessoas antes de o mesmo ser publicado. Por vezes, há uma diferença tênue entre a precisão de uma palavra e a suposta implicância dos colegas que lêem nossos textos. Também, por vezes, os autores ficam incomodados, quando não chateados, com as sugestões minuciosas de um consultor mais cuidadoso e preciso. Dificilmente a avaliação e sugestões de correções podem ser consideradas implicância ou chatice do revisor. O autor geralmente lê tantas vezes o mesmo texto que acaba por não mais perceber os erros. Eles se incorporam em sua leitura e passam a fazer sentido. É justamente uma outra pessoa, com isenção sobre o texto e que ainda não está fatigada de tanto ler e reler, que pode encontrar os errinhos, os lapsos, e dar mais precisão ao texto científico com mais facilidade do que o próprio autor. Afinal, um simples “não”, como “esse resultado foi significativo, para “este resultado não foi significativo” pode fazer com que todo o trabalho de pesquisa seja questionado.

Na verdade, um texto dificilmente ficará perfeito, sabemos disso. Leonardo da Vinci disse que a “arte nunca está acabada, ela é abandonada”, e isso também ocorre com um texto. Desta forma, autor e revisor são uma parceria fundamental para a ciência, são cúmplices e andam de mãos dadas, mesmo que não se conheçam. Sabem facilmente que um pirilampo não pode substituir um relâmpago.

Lidia Natalia Dobrianskyj Weber
Editora